

O GRUPO DE ENCONTROS EM SALA DE AULA: LEITURA DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR A PARTIR DE KAREN HORNEY

Douglas Marcel da Silva Buzoni
Prof^a Ma. Rosali Cabral Garcia Luvisoto
Universidade de Franca
dmarcel25@yahoo.com.br

O presente estudo apresenta resultados de um projeto desenvolvido em uma escola pública do interior de São Paulo, como estágio curricular obrigatório em Processos Educacionais, com ênfase em Psicologia Escolar. Objetivou-se facilitar aos alunos meios para refletir e discutir questões específicas. Dentre os tópicos abordados destacam-se o autoconceito, o comportamento no grupo e a importância deste na vida de todos. O arcabouço teórico foi desenvolvido a partir do pensamento de Karen Horney. Realizou-se a intervenção em doze semanas, através da aplicação de dinâmicas de grupo e rodas de conversa. Observou-se através dos encontros, melhora na qualidade das relações interpessoais e na autonomia para resolução de pequenos conflitos. Foi relatado, em feedback, maior alcance do contato com as emoções, auxiliando no enfrentamento de dificuldades rotineiras da adolescência e do resgate do Eu Real. A experiência ampliou o olhar no que diz respeito às possibilidades de atuação da Psicologia Escolar tendo a Educação como interface e conferindo valor à viabilidade e legitimidade desta estratégia de intervenção.

Palavras-chave: Educação; Grupo de Encontros; Psicologia; Karen Horney.

Introdução

A Psicologia é composta de um vasto agrupamento de conhecimentos e de campos de atuação. Em contraste com a psicologia provinda do senso-comum, do saber popular, a Psicologia Científica apresenta-se enquanto uma atraente possibilidade – em franca expansão – de se compreender o âmago do ser humano, suas crenças, seus desejos, suas alegrias e suas vicissitudes. Portanto, a subjetividade humana é o ponto onde se localiza a fonte primária do interesse da Psicologia (BOCK, 1999).

Uma das muitas ramificações da Psicologia é a Psicologia Escolar e da Educação, sendo esta a área do presente estudo.

Este é um relato de uma experiência de estágio em que foi realizado um grupo de encontros com base nos ensinamentos da Psicanálise Humanística de Karen Horney. Buscou-se elaborar meios que permitissem aos alunos da instituição fazerem uma reorganização interna de seus afetos e desafetos de modo que pudessem melhorar seu relacionamento com os demais bem como consigo mesmos.

Dentre as muitas observações feitas uma das mais chamativas foi o fato de que os laços entre os membros do grupo tornaram-se mais fortalecidos após a realização da intervenção.

Esta experiência aponta à validade e à viabilidade de se realizar uma intervenção considerando as interfaces da Psicologia, ou seja, a partir de um olhar clínico, e da base teórica de Horney, como fatores de orientação à atuação na área educacional, de modo a agregar valor à comunidade escolar, procurando garantir uma experiência norteada pelos pressupostos de uma prática crítica em Psicologia Escolar, atenta ao coletivo e à dinâmica própria da instituição.

A Psicologia e suas raízes filosóficas

O trajeto percorrido pela Psicologia direciona-nos à Grécia Antiga, ao berço da Filosofia e da democracia. Mueller (1978, p.29) aponta os sofistas como os precursores dos primeiros questionamentos acerca da condição humana, de sua natureza, e daquilo que atualmente é chamado de subjetividade. Teria cabido aos sofistas, portanto, a tarefa de iniciar a exploração do ser humano enquanto “um ser *senciente, volente e pensante*, e

cuja existência condiciona, a um tempo, perguntas e respostas”. Por outro lado, o filósofo Sócrates, contemporâneo dos sofistas, foi igualmente importante para o desenvolvimento das primeiras ideias e questionamentos acerca da subjetividade humana. Embora o que se saiba a respeito desta figura tenha sido legado por Platão e Xenofontes, cada qual apresentando visões um tanto diferentes entre si a respeito do referido filósofo, pode-se constatar que os interesses de Sócrates pela apreciação da natureza humana pairavam “em perspectiva essencialmente moral” (pp.32-33), isto é, questões sobre verdade, virtudes, ética, felicidade, empatia, etc. eram colocadas em pauta por ele com e contra as pessoas com as quais dialogava. As pessoas eram convidadas a uma introspecção visando o autoconhecimento para um constante desenvolvimento moral. Seu famoso pensamento “sei que nada sei” que se referia às constatações de seus interrogados sobre suas motivações – das quais normalmente não tinham conhecimento – produziu intensos ecos, principalmente no desenvolvimento da Psicanálise, por Sigmund Freud, séculos mais tarde. Por fim, a maiêutica, como era chamado o insight produzido em sua dialética, merece ser lembrada como mais uma das grandes contribuições de Sócrates à germinação da Psicologia ao longo dos séculos.

Platão e Aristóteles foram sucessores de Sócrates e, cada qual à sua maneira, produziu interessantes caminhos para que se pudesse pensar sobre a natureza e a alma humanas.

Embora Platão tenha legado inúmeras contribuições intrínsecas ao estudo da subjetividade, duas mostram-se particularmente alinhadas ao presente estudo: seu famoso Mito da Caverna, onde descreve uma caverna na qual diversas pessoas estão presas desde a infância, acorrentadas a ela “de tal forma que, não podendo ver a entrada dela, apenas enxergam seu fundo” (ARANHA & MARTINS, 2003, p.121); caso algum dos indivíduos ousasse sair de seu interior para conhecer o que existia fora da caverna e retornasse para comunicar aos demais a existência de possibilidades fora da escuridão da caverna seria tomado por louco. A segunda contribuição diz respeito à separação feita por ele entre Mundo Sensível, relativo ao mundo físico dos fenômenos e Mundo Inteligível, das ideias, do conhecimento. De acordo com os autores supracitados:

Como as idéias (sic) são a única verdade, o mundo dos fenômenos só existe na medida em que participa do mundo das idéias (sic), do qual é apenas sombra ou cópia. Por exemplo, um

cavalo só é cavalo enquanto participa da idéia (sic) de ‘cavalo em si (p.122).

Aristóteles, por sua vez, discordou do conceito de Mundo Sensível e Mundo Inteligível, fundindo-os em Substância, evocando o sentido de coisas que são em si. A Essência da Substância consistiria nas partes que a compõem tal como é e Acidente seriam fatores que poderiam ou não fazer parte da Substância, sem que isto a fizesse deixar de ser o que é. A Essência do ser humano seria a racionalidade e o Acidente características físicas, por exemplo.

Durante mil anos a produção e detenção do conhecimento (em todas as áreas) estiveram concentradas nas mãos de poucos. A chamada Idade Média prevaleceu do século V d.C ao XV d.C.. A presença e o domínio da Igreja Católica foram os fatores primordiais da organização social, política e intelectual da Europa neste período. “Em um mundo em que nem os nobres sabem ler, os monges são os únicos letrados” (p.124-125). As discussões intelectuais deste período versavam basicamente sobre as crenças e os dogmas cristãos, cabendo citar como pensadores expoentes Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Séculos mais tarde a necessidade de fazer uso da razão de modo independente de qualquer crença religiosa ganhou força e velocidade. Um importante representante deste movimento foi René Descartes (1596 – 1650). O Pai da Filosofia Moderna “tem como ponto de partida a busca de uma verdade primeira que não possa ser posta em dúvida” (p.131) e, para isto era necessário desenvolver uma postura questionadora, negativista diante da vida, isto é, “se duvido, penso; se penso, existo: ‘Cogito, ergo sum’, ‘Penso, logo existo’. Eis aí o fundamento para a construção de toda a sua filosofia” (p.131). Outra contribuição importante para o desenvolvimento da Psicologia foi a proposição de que mente e corpo tratam-se de entidades separadas (COLLIN, *et. al.*, 2012).

O nascimento da Psicologia enquanto ciência data do século XIX, tendo por berçário o laboratório de Wilhelm Wundt. As ideias revolucionárias do Pai da Psicologia endereçavam-se no estudo da consciência e de fatores a ela associados. Seus estudos realizados em seu laboratório de Psicologia Experimental (o primeiro do mundo) buscavam informações acerca da observação direta de fenômenos sensoriais.

Alguns anos mais tarde o trabalho de Sigmund Freud causaria espanto, admiração e o desenvolvimento de uma das maiores correntes psicológicas de todos os tempos.

Sigmund Freud (1856 – 1939) foi um neurologista, fundador da Psicanálise e ocupante de um cargo de destaque na história da Psicologia. Seu método de associações livres ou cura pela fala produziu um amplo legado em diversas abordagens psicoterápicas, bem como suas ideias corajosas e originais.

Ainda em vida Freud viu sua escola crescer e se desenvolver. Ajuntou para si diversos discípulos que divulgaram, ampliaram e, em algumas ocasiões, discordaram de suas ideias. Nasceram e floresceram muitas escolas dissidentes da de Freud. Os responsáveis, notadamente, foram seus colegas admiradores mais próximos, por exemplo: Alfred Adler, Carl Jung, Otto Rank, Melanie Klein e Karen Horney (FADIMAN; FRAGER, 2004). Esta última, contudo, mostra-se merecedora de mais demorada atenção.

A Psicanálise, segundo Karen Horney

Nascida em 1885, na cidade Eilbek, próxima a Hamburgo, Alemanha, Karen Horney foi uma das primeiras mulheres a se formar em medicina naquele país, sendo, ainda, a primeira mulher a lecionar no Instituto de Psicanálise de Berlim (SAYERS, 1992).

Filha de um capitão da marinha e de uma dona de casa, Karen chamava-se, originalmente, Karen Danielsen, havendo adotado o sobrenome de seu marido, Oscar Horney, quando se casaram, em 1909 (FADIMAN; FRAGER, 2004).

Enquanto realizava seus estudos de Psiquiatria, Karen Horney conheceu o psicanalista Karl Abraham – amigo de Sigmund Freud – com quem iniciou uma análise, em 1909, e através de quem fora oficialmente introduzida no meio psicanalítico. Em 1911 ela começou a frequentar as reuniões da Sociedade Psicanalítica de Berlim, apresentando, em fevereiro de 1912, “um trabalho sobre a educação sexual de crianças, que Abraham recomendou a Freud como mostrando uma ‘verdadeira compreensão’” (SAYERS, 1992, p.91). Desde então ela passou a atender pacientes como psicanalista.

Paralelamente aos primeiros anos de trabalho e pesquisa em Psicanálise começaram a surgir pequenos empecilhos ao desenvolvimento de seu trabalho. Contamos a autora:

Quase todos os meus pacientes apresentavam problemas que permaneciam insolúveis porque os conhecimentos psicanalíticos aceitos não ofereciam meios de solução. [...] Eu tive as minhas primeiras dúvidas ativas a respeito da validade das teorias psicanalíticas quando conheci o conceito freudiano a respeito da psicologia feminina [...] mas, isso aconteceu muitos anos antes de eu começar a encarar as teorias psicanalíticas de modo crítico (HORNEY, 1966, p.11).

A partir de sua insatisfação para com as teorias e métodos psicanalíticos então existentes, Horney dedicou-se durante a década de 1920 e boa parte da de 1930 a escrever diversos artigos que versavam sobre o desenvolvimento do que atualmente é chamado de identidade de gênero, em especial, das mulheres. Neste período ela pregava que suas considerações e apontamentos teóricos não constituíam a uma nova teoria psicanalítica, mas que deveriam ser encarados enquanto um complemento ao caminho proposto por Sigmund Freud (FADIMAN; FRAGER, 2004).

Resumidamente esta primeira construção teórica de Karen Horney pode ser descrita da seguinte maneira:

A *Libido*, conforme postulada por Freud, ainda possui importância central, entretanto, a influência da cultura no desenvolvimento, bem como as múltiplas culturas existentes no mundo e seus respectivos efeitos em sua sociedade de pertença, e também as variações destes efeitos entre uma sociedade e outra, começam a ganhar atenção; a menina, que possui uma identificação inata com sua mãe (SAYERS, 1991), pode vir a ter seu desenvolvimento perturbado devido a fatores externos, sendo estas perturbações exemplificadas como frigidez sexual, inadequação e rejeição (consciente ou inconsciente) de seu papel feminino (não é o equivalente à transsexualidade); outros problemas citados em seus artigos são conflitos monogâmicos e na maternidade e competitividade patológica, seja com as mulheres, seja com os homens (HORNEY, 1991). Neste período, provavelmente por consequência de seu contato pessoal com Melanie Klein (SAYERS, 1991) a figura da mãe ganhou significativa importância em suas teorias.

Os famosos conceitos freudianos de *Complexo de Castração* e de *Inveja do Pênis* foram sendo, ao longo dos escritos de Horney, cada vez menos utilizados, ao passo que o termo *Complexo de Masculinidade* foi ganhando mais espaço. A diferença primordial situa-se no fato de que Freud e outros analistas clássicos descreveram o desenvolvimento da personalidade a partir de um falocentrismo, isto é, colocando o homem e seu genital como o centro dos desejos e fantasias masculinos e femininos. Diante disto afirmavam que toda mulher possuía o desejo de possuir um pênis e, por consequência, um filho do sexo masculino, que serviria de substituto ao pênis desejado. Portanto, conforme explicação de Horney, de acordo com o Pai da Psicanálise, “os meninos e as meninas conhecem um só sexo: o masculino” (HORNEY, 1966, p.86). Em contrapartida, Horney concebia o *Complexo de Masculinidade* de modo francamente autêntico para a época em que se debruçou sobre o tema.

Embora o termo tenha sido aproveitado de outros autores psicanalíticos, o *Complexo de Masculinidade* de Horney é pioneiro, visto que fora descrito como resultante de imposições sociais. Inspirada pelos escritos de Alfred Adler, a autora passou a defender que na realidade o que as mulheres invejariam é a condição privilegiada que muitas vezes os homens ocupam na sociedade. Esta inveja poderia se dar, muitas vezes, durante a infância, ao se descobrir que os meninos conseguem urinar em pé e as meninas não (HORNEY, 1991), todavia seria sempre uma inveja de cunho social, de importância social e não simplesmente anatômica (FADIMAN; FRAGER, 2004). Em outras palavras, se trataria do

desejo de possuir aquelas qualidades ou privilégios que, na nossa cultura, são considerados como masculinos: força (sic), coragem, independência, sucesso, liberdade sexual e direito de escolher um companheiro (HORNEY, 1966, p.91).

Baseando-se em fatores diversos tais como sua experiência pessoal como mãe, o relato de seus pacientes do sexo masculino, o falocentrismo então existente no meio psicanalítico, e a ideia de Freud de que os homens possuem em si uma feminilidade que buscam expurgar, Karen Horney desenvolveu o conceito de *Inveja do Útero*.

Quando se começa, como fiz, a analisar os homens só depois de longa experiência analisando mulheres, fica-se

surpreendentemente impressionada com a intensidade desta inveja da gravidez, do parto e da maternidade, assim como dos seios e da amamentação (HORNEY, 1991, p.57).

Mediante a constatação da inveja sentida pelos homens com relação às mulheres Horney concluiu que muitos dos comportamentos masculinos, em especial os de desvalorização do sexo feminino e tudo o que corresponde a ele, se devia à inferioridade sentida por eles, em especial pelo fato de jamais poderem gerar uma nova vida.

Como se já não fosse o bastante, apoiada ao conceito freudiano de *Complexo de Édipo*, ela apontou como outro fator importante desta inferioridade a observação feita pelo menino durante a infância da diferença entre o tamanho de seu pênis em comparação ao corpo da mãe, isto é, um pênis pequeno para uma vagina muito grande. Portanto, para Karen Horney, mais importante de que um medo de ser castrado pelo pai seria um medo de ser ridicularizado pela mãe o fator dominante no *Complexo de Édipo* masculino. Ao mesmo tempo, na menina aconteceria o oposto: haveria um medo de ter sua vagina dilacerada pelo enorme pênis do pai. Para Horney, nesta fase de sua teoria, seria esta a causa do masoquismo feminino, e não uma inveja anatômica e indiscutível do pênis (HORNEY, 1991).

Seus escritos sobre o desenvolvimento e as vicissitudes da identidade de gênero causaram grande alvoroço no meio psicanalítico. O próprio Sigmund Freud, em seu “Sobre a Sexualidade Feminina”, de 1931, elaborou um contra-ataque às ideias de Karen Horney. As ideias expostas vão de encontro a todas de Horney datadas da década de 1920. Mesmo havendo a inovação (talvez por influência da expansão e popularização das ideias de Melanie Klein) de à relação com a mãe ser dada maior atenção, neste ensaio Freud reafirma suas ideias sobre *Inveja do Pênis* e *Complexo de Castração*. A este respeito Freud postulou:

Seja como for, no final dessa primeira fase de ligação à mãe aparece, como o mais forte motivo para o afastamento da mãe, a recriminação de que ela não deu à menina um genital verdadeiro, isto é, de que a deu à luz como mulher (FREUD, 2010, p.211).

Durante a década de 1930 diversos intelectuais imigraram da Alemanha para os Estados Unidos. Com Horney não foi diferente. Neste país ela encontrou um círculo de

amizades vibrantes por novas descobertas científicas (SAYERS, 1992), bem como pacientes com demandas extremamente diferentes daquelas com as quais estava habituada a lidar na Alemanha (FADIMAN; FRAGER, 2004). O trabalho nestas novas condições permitiu (e ao mesmo tempo exigiu) de Karen um novo posicionamento teórico.

As últimas duas décadas de vida de Karen Horney foram dedicadas à elaboração de uma nova teoria que já não era tão influenciada por Freud, mas por William James, Erich Fromm e a filosofia existencial. A sua Teoria Madura, como chamada por Fadiman & Frager (2004) pode ser resumida da seguinte maneira:

O ser humano, independente de sua identidade de gênero ou orientação sexual, possui duas necessidades básicas: *amor e segurança* (HORNEY, 1966). Eventualmente estas duas necessidades podem não ser atendidas adequadamente. Se for o caso, a partir das condições de vida às quais este indivíduo é submetido, sobretudo durante a infância, o mesmo desenvolverá *Necessidades Neuróticas*, que seriam padrões motivacionais cristalizados.

Horney enumera as seguintes necessidades do ser humano: de afeição e aprovação; de uma pessoa de que se dependa; de restringir a vida a estritos limites de poder; de explorar outras pessoas; de privilégio; de admiração pessoal; de auto-suficiência e independência; e de perfeição e intocabilidade (CAMPOS, 1987, p.94).

Portanto, *Necessidades Neuróticas* seriam maneiras fixas e rígidas de pensar e de se comportar no mundo. Haja visto que este padrão de pensamentos e comportamentos seria patológico e inautêntico. A respeito deste desenvolvimento a autora explica:

Como resultado de muitas influências adversas, a criança encontra-se numa situação aflitiva. [...] Ela perde a capacidade de ter iniciativa, vontade, objetivos e julgamentos próprios. Por outro lado, ela se sente afastada dos outros e sente medo (sic) deles (sic). [...] O critério para distinguir o bom do mau, o desejável do indesejável, o agradável do desagradável, o simpático do antipático é tomado emprestado ao exterior e permanece exterior ao indivíduo. [ele] já não tem julgamento próprio (HORNEY, 1966, pp.178-179).

Em outras palavras, o ser humano que experimenta repetidas situações de sofrimento ao longo da infância tende a ir perdendo o contato consigo, e, por consequência, com sua identidade, com seus desejos genuínos. Este processo ocasiona uma ruptura do *Eu* (self) em dois e este é, segundo a Teoria Madura de Horney, o ponto central da neurose e dos sofrimentos neuróticos (FADIMAN; FRAGER, 2004).

Um conceito importante que está entrelaçado à ruptura do *Eu* é o de *Ansiedade Básica*. Conforme elucidado pela autora trata-se de uma ansiedade generalizada que sucede a uma *Hostilidade Básica* com relação aos pais (HORNEY, 1969), que por sua vez sucede a uma *Angústia Básica*, uma impressão de desamparo em um mundo hostil e invejoso (HORNEY, 1966). Esta impressão de desamparo, solidão e desamor tende a estender-se por toda a vida do neurótico.

De acordo com Karen Horney (1974) todas as pessoas do mundo têm uma capacidade inata para o desenvolvimento saudável e para a realização de suas potencialidades, entretanto, como já fora citado, condições de sofrimento vivenciadas na infância podem desviar o indivíduo de seu caminho. Este desvio provoca uma ruptura em seu *Eu* (self), dividindo-o em dois: *Eu Real* (Real Self) e *Eu Ideal* (Ideal Self).

Por *Eu Real* Horney compreendia não uma entidade fixa como seria o *Ego* para Freud, mas um conjunto de potencialidades, “a clareza e a profundidade dos seus próprios sentimentos, pensamentos, desejos e interesses (sic)” (p. 19), a capacidade de utilizar construtivamente suas próprias energias e de buscar aquilo que se deseja no mundo. Este mesmo *Eu Real* que refletiria o indivíduo tal como é torna-se objeto de repulsa ao neurótico, uma vez que ainda em sua constante busca por amor e segurança, aprendeu a expor e a procurar coisas diferentes para sobreviver. Isto é, alienou-se de seu *Eu Real*, aprendeu a posicionar-se de acordo com as demandas de seu *Eu Ideal*.

Eu Ideal seria aquilo que o indivíduo supõe que deveria ser. Esta parte do *Eu* é composta por outras duas: um *eu glorificado* e um *eu desprezível*, ambos os frutos das qualidades que, em fantasia, a pessoa em questão acha que possui (*Necessidades Neuróticas*).

É extremamente complicado elucidar de que modo se daria o posicionamento neurótico seja no *eu glorificado*, seja no *eu desprezível*, visto que mudará gigantescamente de um indivíduo para o outro. Entretanto, conforme pontuado por Horney, três direções de desenvolvimento neurótico podem ser apontadas para este

estudo: contra os outros, de modo a realizar um enfrentamento, uma oposição constante; a favor dos outros, de maneira a se auto-anular em favor dos demais; e, de modo desapegado dos outros. As três formas de comportamento dizem respeito a um grupo de *Necessidades Neuróticas* correspondentes. A este desenvolvimento em três direções possíveis ela denominou *Soluções Neuróticas*, visto que representam uma solução diante da *Ansiedade Básica*.

Ao desenvolvimento contra os outros Horney (1974) denomina *Soluções Expansivas* e divide-as em três tipos: a *Solução Narcisista*, a *Perfeccionista* e a *Arrogante e Vingativa*, sendo o pilar de ambas a identificação predominante com seu eu glorificado, apesar de às vezes o indivíduo também se identificar com seu eu desprezível. Uma característica marcante destes indivíduos é o seu gosto pelo poder, pelo domínio e por ser admirado.

O desenvolvimento a favor dos outros “é a *solução da auto-anulação*. Representa ela um movimento numa direção diametralmente oposta à solução expansiva” (p.231, grifo meu). Indivíduos que adotam esta solução buscam incessantemente fugir dos holofotes: não o interessa o domínio, a admiração e o auto-engrandecimento, ao contrário, “o que deseja é ajuda, proteção e amor incondicional” (p.232). Em outras palavras, estas pessoas desejam acima de tudo que o outro as ame, mesmo que este amor lhes custe a completa inexistência de si em sua própria vida.

Por fim, ao desenvolvimento desapegado dos outros Horney denomina *Solução em Resignação*, a qual “consiste essencialmente no afastamento do neurótico do campo interior de batalha, declarando-se desinteressado” (p.280). Por consequência, este tipo encontra em seu caminho uma relativa ausência de conflitos, mas, também, uma ausência de tudo o mais em sua vida e personalidade.

O grande dilema do neurótico, de acordo com Karen Horney, é estar sempre à mercê dos ditames de seu *Orgulho Neurótico* (oriundo do Eu Ideal) que sempre direcionam o indivíduo a realizar o impossível, seja com relação ao eu glorificado ou ao eu desprezível.

O caminho para a saúde mental seria, então, a auto-realização, isto é, o encontro com seu *Eu Real*, com suas demandas e possibilidades legítimas, e, para isto, é necessário percorrer o longo caminho do autoconhecimento e da auto-aceitação.

Havendo legado uma nova perspectiva em teorias psicodinâmicas, Karen Horney faleceu em 1952, em Nova York, aos 67 anos (FADIMAN; FRAGER, 2004).

Trabalhando com grupos

A psicologia grupal possui raízes em diversas áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, a Sociologia e a Psicanálise. Seu desenvolvimento se deu de maneira irregular e desconexa, produzindo um grande emaranhado de saberes e práticas que convergem, dialogam e se distanciam entre si (ZIMERMAN, 2000).

Habitualmente para fins didáticos os grupos são divididos em duas modalidades, cada qual com suas respectivas ramificações: Grupos Operativos e Grupos Terapêuticos. Não se deve perder de vista o fato de que há uma linha tênue que demarca os territórios de ambas as modalidades, isto é:

os grupos operativos costumam propiciar um benefício psicoterápico e, da mesma forma, os grupos psicoterápicos se utilizam do esquema do referencial operativo (p.90).

O presente estudo foi elaborado mediante a realização de um Grupo Operativo Institucional de orientação psicanalítica, apoiando-se mais especificamente na teoria proposta por Karen Horney.

A proposta de intervenção

Foi estabelecido o contato com uma instituição municipal de ensino, da região de Franca – SP, para averiguar, na qualidade de Estágio Curricular Obrigatório, a possibilidade de realização de uma intervenção em Psicologia Escolar junto aos alunos. Foi realizado um levantamento prévio das necessidades institucionais junto à direção. Concluiu-se que o interesse direcionava-se para a elaboração de um trabalho que possibilitasse aos alunos uma manutenção emocional para fortalecê-los frente a questões pessoais, pertinentes ao nível etário, bem como para o desenvolvimento de habilidades interpessoais.

Decidiu-se que a intervenção seria feita com os alunos da segunda série do ensino médio, acrescido de um dos alunos da terceira série, por apresentar uma demanda específica.

O trabalho realizado

Foram realizados doze encontros, que aconteciam uma vez por semana durante o primeiro semestre do ano letivo de 2015, no horário das aulas regulares. Os encontros

duravam em média uma hora/aula, havendo rodízio de horários a cada semana para que nenhum conteúdo fosse prejudicado.

Seguindo o caminho apontado por Horney a respeito do *Eu Real* e da necessidade de se vivenciar as suas demandas para uma vida mais saudável e feliz, o estagiário elaborava para cada encontro atividades que instigassem discussões e reflexões que direcionassem os participantes a olharem para dentro de si, a reconhecerem-se enquanto indivíduos singulares e a viverem segundo os próprios desejos e possibilidades. Buscou-se conduzir o grupo de forma a propiciar aos participantes um espaço para reflexões acerca de como seria um relacionamento saudável e pacífico consigo e com os demais, visando o benefício do grupo pela experiência vivida.

Dinâmicas de grupo, trechos de livros, vídeos e músicas estão entre as estratégias utilizadas.

Desde o processo de elaboração da proposta de intervenção alguns casos específicos foram apresentados pela direção da instituição. Havia alunos considerados disparadores do interesse em que fosse desenvolvido um espaço onde pudessem se sentir à vontade para se expressarem livremente. Um espaço para uma escuta empática, um momento de acolhida de toda essa demanda emocional, muitas vezes percebida pela direção, como caótica.

Um primeiro contato foi realizado para comunicar aos alunos (do 2º ano) o início do projeto. Também foi feita uma abordagem inicial com o aluno convidado de outra turma (3º ano), a quem chamaremos de A. Este aluno foi apresentado como alguém que apresentava um histórico comportamental que inspirava preocupação aos representantes da instituição: havia baixa interação com os demais colegas, falava pouco, demonstrava predileção por se manter sozinho, quando ansioso rabiscava o próprio rosto com caneta e, entretanto, era um excelente aluno, mantendo notas bastante altas. Ele interessou-se pela proposta e o convite foi aceito prontamente.

Observou-se durante os primeiros encontros que entre os alunos da sala alguns se apresentavam desconfortáveis, pouco envolvidos, não conseguiam aprofundar nas discussões, faziam gracejos para desviar o foco em questão. Tais comportamentos ficavam evidentes quando revelavam estar emocionalmente instáveis, onde, a princípio estavam aderindo e participando relativamente com empenho e subitamente se mostrando arredios e distantes. Durante o decorrer da experiência era comum que os

alunos (em especial os meninos) solicitassem repetidamente que pudessem sair da sala, sob a alegação de que não estavam se sentindo bem. Estes comportamentos de fuga, quer se tratasse de sair da sala, quer se tratasse do baixo envolvimento, podem ser interpretados à luz da psicanálise horneyriana como vindos da dificuldade em olhar para dentro de si, de (re) conhecer-se, de (re) encontrar-se e da dor que a sugestão de fazê-lo é capaz de provocar, sobretudo quando se sente que seu Eu verdadeiro é uma ameaça em potencial à sua frágil “segurança” que só foi obtida mediante o sacrifício de suas demandas genuínas.

Alguns participantes, entretanto, mantinham uma participação mais ativa do que outros, fosse de maneira “produtiva” em sentido mais positivo, fosse de maneira mais “atuante” (*acting in*), pautando-se em enfrentamentos para com o grupo ou com o estagiário. No próximo tópico são tecidas considerações sobre alguns participantes cujo comportamento orientava o estagiário a dedicar-lhes mais aprofundada atenção.

Análise dos resultados obtidos

A dinâmica do grupo ao longo da intervenção nos permitiu considerar pertinente a escolha do referencial teórico utilizado como alicerce para as reflexões geradas por esta experiência. Ainda que em momentos e níveis diferentes, aspectos do conjunto de defesas apontado por Karen Horney foram observados no decorrer dos encontros.

O aluno, a quem tratamos aqui por B. da segunda série, B, serve-nos como ilustração de hipótese de uma *Solução Neurótica Expansiva*. Desde o primeiro encontro ele demonstrou enfrentamentos para com o estagiário (e com o restante do grupo) que variaram de maneiras diversas. Um episódio que marcou a intervenção como um todo ocorreu no oitavo encontro. Enquanto o encontro estava sendo preparado, alguns alunos solicitaram ir ao banheiro (era de costume) e B. também o fez. Regressando à sala de aula trouxe consigo a caixa plástica que continha a merenda enviada pela prefeitura (pães recheados), sob a alegação de que a diretora o havia pedido. Estranhando a situação (ainda sem iniciar oficialmente o encontro) o estagiário foi até a direção para esclarecer o caso. Houve grande confusão e desconforto tanto por parte da direção, como do estagiário. Esta, por sua vez, mostrou-se bastante irritada, dirigindo-se ao pátio em busca de B. para repreendê-lo. B., que estava dentro da sala, jogou o pão

que estava comendo no lixo, dizendo que ia pedir para a diretora dar-lhe uma suspensão, pois segundo o próprio, não precisava de ficar ouvindo aquilo. Os pães que ainda estavam na caixa foram devolvidos. B. chegou a discutir rapidamente com a diretora no pátio, que exigiu que ele retornasse à sala de aula. B. sentou-se na carteira onde estavam seus materiais.

O acontecimento descrito, em particular, ilustra bem a declaração de Horney (1974) de que “a necessidade de excitações e sensacionalismos é uma indicação precisa da existência de um doloroso vazio íntimo” (p.180), onde, de acordo com a autora, este vazio significa estar “vazio” de si mesmo, ou seja, esvaziado (alienado) por assim dizer, de seu Eu Real.

Visando o bom desenvolvimento – dentro das possibilidades – do encontro em questão, o estagiário, procurando conter sua própria indignação com o ocorrido, iniciou formalmente o grupo como se nada houvesse acontecido.

Coincidentemente as atividades preparadas para aquele dia versavam sobre o comportamento de cada membro dentro do grupo, bem como as impressões que causavam aos demais.

O ocorrido, todavia, pode ser interpretado como alicerçado em uma *Transferência Negativa* para com o estagiário, com a intenção de prejudicá-lo. O aluno demonstrou interesse em enganar ao estagiário, possivelmente na intenção de que este recebesse alguma coerção por parte da direção da escola.

Ao longo dos encontros B. foi apresentando uma capacidade maior de tolerância às atividades e aos diálogos propostos ao grupo. Nos últimos encontros ele (e alguns outros alunos) ficavam irritados quando algum colega começava a conversar ao mesmo tempo em que o estagiário. Ele já não saía da sala, embora às vezes demonstrasse inquietude e desconforto diante de alguns temas. Dialogando com a proposição de Viktor Frankl de que ao se dar sentido ao sofrimento este se torna suportável (COLLIN, *et. al.*, 2012), esta mudança de comportamento torna-se mais compreensível.

Outros casos foram observados, fosse pelo “excesso” de participação, fosse pela ausência desta. Ambos, é claro, mostravam-se para fazer comunicações importantes. Possivelmente o que ficou em maior evidência à percepção do estagiário é o modo como o indivíduo expõe seus conflitos internos

No quinto encontro a atividade final *Coelho Sai da Toca*. O objetivo principal era que todos pudessem expressar os sentimentos, inclusive a própria agressividade e verificar os efeitos disto. Esta atividade fora lembrada por muitos dos alunos até o último encontro. Entretanto, enquanto a sala era novamente organizada em fileiras para o término do grupo, uma aluna, C. abordou ao estagiário nos seguintes termos:

“– *Você poderia nos explicar qual o sentido desta orgia?*”

Este é um exemplo interessante da exposição de conflitos e de fantasias.

A referida aluna, de modo semelhante a B. também demonstrava indícios de uma *Solução Neurótica Expansiva*, de caráter predominantemente narcisista, que, conforme Karen Horney (1974) trata-se de alguém apaixonado pela sensação de poder e por si mesmo, em especial por sua auto-imagem idealizada.

Ainda a respeito do questionamento feito por C., embora se tratasse de uma demonstração direta e explícita, não foi a única vez que o estagiário notou uma vazão da sexualidade nos membros do grupo.

O estagiário orientava a leitura da experiência a partir do posicionamento de Horney (1966) de que não haveria, necessariamente, uma natural *compulsão à repetição* que seria dominada primordialmente por amores e desamores parentais, mas sim, que há em todo ser humano uma capacidade inata ao desenvolvimento que se estenderia por toda a vida, sendo a compulsão à repetição uma expressão de um desenvolvimento estagnado e não algo que inerente a todas as pessoas. Neste caso, a *Transferência*, isto é, o depósito de questões internas dos participantes do grupo na pessoa do estagiário, era compreendida enquanto exposição de importantes conflitos pessoais e de maneiras rígidas de se comportar frente à ansiedade ocasionada pelos possíveis perigos do mundo (*Necessidades Neuróticas*). A sexualidade, neste caso, seria interpretada enquanto fator secundário, algo do qual se vale para a obtenção daquilo que se deseja (*Necessidades Neuróticas*).

Em B. havia algo de uma sexualidade narcísica, isto é, um desejo de estar sob os holofotes, em especial, exibindo sua rebeldia. Em C., por outro lado, isto se dava de forma mais auto-erótica, ou, em termos Horneyrianos, ela se identificava com seu eu glorioso, perfeito e belo, isto é, em um havia a busca pelo olhar do outro, na outra o olhar principal era o dela própria.

Outro episódio, de complexa interpretação, ocorreu no penúltimo encontro, envolvendo outro aluno, D. Ao informar aos alunos que o encontro em questão duraria duas aulas foi surpreendido por D.:

“– *A sua sorte é que não sou mulher, senão te dava um beijo. Um beijo não posso, mas um abraço sim*” – E deu um rápido abraço no estagiário.

Isto se deu enquanto os demais membros se ocupavam de uma atividade proposta, portanto, ninguém ouviu nem fez comentários posteriores.

Ao término do mesmo encontro outro aluno, E., fez questão de abraçar ao estagiário para se despedir (fez isso no encontro anterior também). Na realidade esta é uma das provas do vínculo positivo estabelecido entre o estagiário e os alunos e, mais de que isto; é uma amostra das mudanças elaboradas, seja a nível individual, seja grupal.

Outro caso interessante foi o de F. um aluno cuja irmã gêmea, G. também fazia parte do grupo. F. apresentava comportamentos característicos de uma *Solução Auto-anuladora*, isto é, alguém que exibe um comportamento em direção aos outros, desapegando-se de si mesmo em prol dos demais. Horney enxerga neste tipo de desenvolvimento uma incessante busca por afeto, onde o indivíduo busca desesperadamente agradar a outrem em detrimento de suas vontades e desejos genuínos.

Este caso chamou a atenção do estagiário pela franca dificuldade experimentada por F. de se desprender da irmã: sentavam próximos tanto no grupo quanto nas aulas, jamais se separavam, embora o estagiário possuísse o hábito de dividir os participantes em subgrupos para a realização das atividades, e, principalmente, quase não falava, e quando o fazia era em tom demasiado baixo.

Ao longo do estudo, foi possível refletir teoricamente sobre alguns dos caminhos patológicos de desenvolvimento da personalidade apontados por Karen Horney. A exemplo disso, cabe citar a participação de H., um dos alunos mais silenciosos do grupo (nos primeiros encontros não era), que algumas vezes dormiu durante os encontros. Ele poderia ser um exemplo de um desenvolvimento por meio de uma *Solução Resignada*, demonstrando certo desprezo pelos demais, mantendo uma postura desapegada com relação ao grupo. Podemos atribuir a mudança de comportamento de H. a uma resistência a se deparar com suas questões subjetivas e, por consequência, com seu *Eu Real*.

A partir da perspectiva de Karen Horney, pode-se dizer que todo ser humano necessita de um ambiente que permita a ele mesmo encontrar sentido em sua existência no mundo a partir de seus desejos únicos, que são dele e de mais ninguém no mundo, de modo que estes desejos, estas potencialidades (*Eu Real*) possam encontrar um modo de se realizar para que o mesmo possa crescer e se desenvolver saudável e feliz.

A maior parte das atividades e discussões propostas caminhava neste sentido. Uma que rendeu um resultado interessante foi realizada no sexto encontro: o estagiário iniciou o encontro com o videoclipe da música O Sol, da banda Jota Quest. A discussão a respeito do “Caminho do Sol” e das escuridões pelas quais às vezes se passa provocou por si só uma inquietação inicial no grupo. B., logo no início da discussão, solicitou ao estagiário que pudesse sair. Havia uma tensão entre os participantes; eles estavam inquietos, agitados. Por isso talvez a tranquilidade com que o estagiário continuou a discussão causou espanto em boa parte do grupo. Possivelmente sua postura pode ter sido interpretada como “descaso”, “incompreensão”, talvez até como “frieza” para com B.. Na realidade permitir que B. se retirasse do encontro para que pudesse pensar sozinho sobre suas aflições era um ato de respeito e de amor que o estagiário poderia ter naquele momento. Respeito, por permitir um espaço (tanto físico quanto temporal) para uma introspecção de modo que o aluno reavaliasse suas questões bem como sua responsabilidade sobre as mesmas, para assim tomar alguma atitude a respeito. Isto converge com a concepção de Viktor Frankl de que “através do seu amor a pessoa capacita a pessoa amada a realizar estas [suas] potencialidades” (Frankl,1994, p.100).

Posteriormente, no mesmo encontro, foi realizada uma dinâmica de grupo com um espelho dentro de uma caixa. Os alunos eram convidados a enfrentar seus medos e verificar o que havia dentro da caixa, elemento este que era apresentado como algo de inestimável valor. As reações eram as mais diversas: alguns abriam a caixa com medo de haver algo perigoso lá dentro. Coroando a atividade os alunos foram chamados a escrever uma carta para a pessoa vista dentro da caixa, com tudo o que acreditavam que aquela pessoa merecesse ler, tudo o que ela devesse saber. Muitos choraram. Alguns choraram ao escrever, outros pediram para sair, já chorando, e um aluno, ainda, esteve com papel e caneta na mão, mas chorou durante o resto do encontro não conseguindo iniciar a escrita da carta.

Por certo, em se tratando de um ser humano igual àqueles aos quais estavam sendo atendidos pela intervenção, o estagiário sofria vendo o sofrimento dos alunos.

Porém, “não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida enquanto nos confrontamos com uma situação sem esperança” (FRANKL, 1994, p.101).

É interessante a maneira como o referido encontro ilustra um resumo dos percalços enfrentados pelos alunos durante toda a intervenção. Todo encontro teve por objetivo clarear a visão do aluno acerca de si para, por consequência, clarear sua visão sobre o grupo todo.

O estagiário pôde analisar que cumpriu uma tarefa com êxito ao constatar, ao término da intervenção, que o hábito que muitos dos alunos possuíam de procurar na direção da escola um apoio para desabafar havia cessado por completo. Isso reforça a ideia de que todos, de modo geral, puderam desenvolver, em alguma medida, comportamentos de tomada de iniciativa, exercício de autonomia e equilíbrio emocional. Percebeu-se, ainda, que o grupo ficara mais unido e desenvolveu uma confiança em buscar apoio para suas questões entre os próprios pares. Observou-se que, nos últimos encontros, muitos alunos que se sentavam a uma grande distância uns dos outros estavam com o hábito de conversar entre si durante a intervenção.

Um recorte literal do oitavo encontro destaca a importância do grupo de encontros enquanto ferramenta de apoio ao progresso tanto institucional quanto dos alunos, seja como grupo seja como indivíduos pertencentes ao mesmo. Neste encontro o estagiário despediu-se dos alunos propondo a seguinte reflexão:

“– Tenham em mente que não somente a nossa voz produz eco, mas as atitudes também. Por exemplo: minha presença produzirá algum eco na vida de vocês, assim como a de cada um de vocês também produzirá na minha. Sempre prestem atenção às atitudes que vocês têm, pois elas sempre produzirão o eco correspondente”.

Os autores do presente estudo acreditam firmemente que este convite ao autoconhecimento e à observação da liberdade ofertada e imposta pela vida, bem como à responsabilidade implicada na mesma, deram corpo à grande mola propulsora através da qual os alunos puderam se permitir entrar em contato consigo para (re) encontrar seu *Eu Real*, seus desejos mais verdadeiros, uma maneira particular de viver a vida, de modo a encarar aos fatos da vida com mais alegria e aceitação.

Conclusão

Conclui-se, portanto, que o grupo de encontros é uma interessante e útil ferramenta no manejo emocional de alunos em sala de aula.

O trabalho realizado mostrou ser possível e desejável uma intervenção psicoeducativa orientada por um olhar clínico, por possibilitar uma re-elaboração dos aspectos subjetivos e favorecer uma estratégia de amadurecimento institucional, isto é, quanto mais “humana” for a instituição, quanto mais compreender as pessoas que a compõem enquanto indivíduos com necessidades básicas na vida, dentre elas a de um sentido que os oriente e acrescente valor à sua existência, mais férteis tenderão a ser seus laços e seus empreendimentos.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. 20^a. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

COLLIN, Catherine; *et. al.* **O livro da psicologia**. São Paulo: Globo, 2012.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Personalidade e crescimento pessoal**. 5^a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1991.

HORNEY, Karen. **A personalidade neurótica de nosso tempo**. 5^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

_____. **Neurose e desenvolvimento humano: a luta pela auto-realização**. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

_____. **Novos rumos na psicanálise**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. **Psicologia Feminina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MUELLER, Fernand-Lucien. **História da psicologia: da antiguidade aos dias de hoje**. São Paulo: Nacional, 1978.

SAYERS, Janet. **Mães da psicanálise: helene deutsch, karen horney, anna freud, melanie klein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2^a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.